

## Literatura e História: leituras que se completam

OTTONELLI, Rosmere Adriana Vivian (Professor PDE)<sup>1</sup>  
FLECK, G. Francisco (UNIOESTE – Cascavel - orientador)<sup>2</sup>

**RESUMO:** A experiência de leitura de romances históricos sobre a Guerra do Paraguai, efetivada no Ensino Médio, é o assunto a ser abordado neste texto pois tal leitura colabora para a interação autor/texto/leitor, num processo em que literatura e história se completam como possíveis leituras do passado. O prazer da leitura de um bom texto, o estudo da vida de seu autor e das características de sua obra não devem constituir os únicos pontos de abordagem no ensino de Literatura. Ultrapassar esse limite constitui-se num trabalho que privilegia a formação global do leitor, no qual se trabalham as intertextualidades, as paródias, as analogias, as remissões diretas e indiretas, as temáticas abordadas, entre tantas outras áreas de vínculo com a Literatura. Nesse aspecto, salienta-se o papel do leitor na consumação do ato de produção literária, pois não há motivo mais relevante para a produção literária que o destinatário do texto, o leitor. De acordo com Todorov (1976), nenhum autor escreve para ninguém. Essa visão está muito presente nos textos sobre a Estética da Recepção, a qual considera o leitor peça fundamental no jogo do discurso literário. Para Barthes (1976), a obra só se completa quando em contato com o leitor, e é nesse ponto que se tem o prazer do texto. Nesse sentido, Zilbermann (2004) afirma que o texto literário possui uma estrutura de apelo, que se completará com a leitura. O romance histórico, sob esses aspectos, oferece as múltiplas leituras e análises propostas pelos autores já mencionados, principalmente se encaminhadas obras sobre o mesmo fato histórico, produzidas por autores de várias gerações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance histórico, História e Literatura, leitor; intertextualidade.

**RESUMEN:** La experiencia de lecturas de novelas históricas sobre la Guerra del Paraguay, efectuadas en la Enseñanza Media, es el tópico de abordaje de este texto, pues tal lectura colabora para la interacción autor/texto/lector, en un proceso en lo cual literatura e historia se completan como posibles lecturas del pasado. El placer de la lectura de un buen texto, el estudio sobre la vida de su autor y de las características de su obra no deben constituirse en los únicos puntos de abordaje a la enseñanza de Literatura. Traspasar ese límite se constituye en un trabajo que privilegia a la formación global del lector, en que se trabajan las intertextualidades, las parodias, las analogías, las remisiones directas e indirectas, las temáticas tratadas, entre tantas otras áreas de vínculo con la Literatura. En ese aspecto, se lleva en consideración el papel del lector en la consumación del acto de producción literaria, pues no hay motivo más relevante para la producción de un texto literario que el destinatario de éste, el lector. De acuerdo con Todorov (1976), ningún autor escribe para nadie. Ese punto de vista está presente en los textos sobre la Estética de la Recepción, la cual considera el lector parte fundamental en el juego del discurso literario. Para Barthes (1976), la obra solo se completa cuando en contacto con el

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, inserida no Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE.

<sup>2</sup> Professor de Literaturas Hispânicas e Cultura Hispânica da UNIOESTE - Cascavel. Mestre e Doutor em Letras pela UNESP - Assis.

lector, y es en ese punto que se tiene el placer del texto. En ese sentido, Zilbermann (2004) afirma que el texto literario posee una estructura de apelo, que se completará con la lectura. La novela histórica, bajo tales puntos de vista, ofrece las múltiples lecturas y análisis propuestas por los autores mencionados, principalmente si encaminadas obras sobre el mismo hecho histórico, producidas por autores de varias generaciones.

**PALABRAS-CLAVE:** Novela histórica; Literatura e Historia; lector; intertextualidad.

## 1. Contexto

As atividades com leituras sobre a Guerra do Paraguai foram motivadas pelo estudo sobre romance histórico, narrativa híbrida que contempla dados e personagens históricos e o discurso ficcional, quando da elaboração do Plano de Trabalho, primeiro período do PDE (turma 2007), encaminhados pelo orientador Dr Gilmei Francisco Fleck, que volta seus estudos ao subgênero. A escolha do tema da guerra em questão foi motivada pelo fato de que o romance histórico é parte do conteúdo programático do segundo ano do Ensino Médio, e, dentre as obras que o exemplificam, está “A retirada da Laguna” do Visconde de Taunay, que trata de uma das batalhas da também conhecida como A Grande Guerra.

Com o objetivo de proporcionar uma discussão sobre o fato por meio da leitura de romances históricos, foi elaborado um material didático, o Folhas Literatura e História se completam, cujas atividades direcionam para a leitura de várias obras e a análise de dois filmes e um documentário, que estão arrolados no corpo deste artigo.

À medida que os alunos liam e discutiam as leituras, surgiram várias sugestões de se produzirem apresentações com os resultados das leituras para alunos de sétima série, cujo conteúdo programático de História, no último trimestre, é a Guerra do Paraguai. A sugestão que nos pareceu mais acertada foi a produção de um documentário que contemplasse entrevistas com professores de História, membros da comunidade que vivem do comércio de produtos do Paraguai, entrevistas com professores de Literatura, depoimentos dos alunos que participaram do projeto, e a produção de vídeos que enfocassem as adaptações das leituras.

Para a efetivação do trabalho, levou-se em conta a fundamentação teórica sobre as narrativas histórico-literárias, a estética da recepção verbal, o leitor como parte na dinâmica da obra literária.

## 2. Ênfase ao leitor e à Estética da Recepção Verbal

Quando se trabalha, em sala de aula, com textos literários, em especial o romance, na maioria das vezes a dinâmica reside na leitura para posterior cobrança, ou em forma de texto, análise (resenha crítica), ou por meio de um roteiro de perguntas direcionadas ao enredo e às personagens.

Ao se adotarem tais procedimentos metodológicos, muitos pontos imprescindíveis da obra de arte abordada passam despercebidos. Entre tais pontos podemos citar a verossimilhança, ou seja, as estratégias e técnicas utilizadas na construção da diégese que, ao longo da narrativa, reproduzem o contexto histórico/social da época na qual as ações se desenvolvem, além de outros aspectos relacionados à configuração discursiva das personagens, à subjetividade do autor, às condições de produção da obra.

Reduzir o trabalho com o texto literário em sala de aula a tais tarefas é também reduzir o alcance deste como meio privilegiado de formação global. Isentar-se da abordagem, por exemplo, das relações da literatura com outras áreas, sempre presentes nos textos literários, como as intertextualidades, as paródias, as analogias, as remissões diretas e indiretas, as temáticas abordadas, entre tantas outras formas de vínculo da literatura e outras áreas do conhecimento, é deixar de aprender e ensinar dentro de um contexto interdisciplinar voltado à formação de cidadãos críticos.

O aluno/leitor com quem convivemos, em sua grande maioria, é aquele que lê por obrigação. Aquele que afirma com orgulho “eu não gosto de ler”. O mesmo que pesquisa resumos na Internet para economizar o tempo da leitura. E por que isso ocorre? Entre os motivos mais gerais pode estar o fato de que a dinâmica do ensino reside na transformação do conhecimento em nota. A avaliação constitui-se num fim e não como instrumento para redirecionar a prática em sala de aula. Também porque o livro é pouco atrativo comparado às “maravilhas e facilidades da Internet”, e porque

as atividades propostas para com o texto literário não são realmente estimuladoras para os adolescentes. Já em outro nível, mais profundo, não se pode negar que a nossa sociedade não possui o hábito da leitura e que este sempre foi elitista. O poder do domínio da leitura nunca foi desconhecido e, bem por isso, o seu ensino/aprendizagem sofreu tantos entraves nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento.

Ângela Kleiman (2000) discute o trabalho com a leitura e salienta que se trata de um processo interativo, um intervir de vários fatores individuais, inconscientes e conscientes, que nos fazem compreender um texto escrito. A compreensão de um texto envolve o entendimento gramatical de palavras e frases, o entendimento dos argumentos, das motivações e intenções inerentes ao próprio texto e ao autor; envolve o entendimento do contexto e do referido. Ou seja, a compreensão de textos envolve processos cognitivos múltiplos. O conhecimento prévio é o nosso repertório, os nossos conhecimentos adquiridos e que fazem parte de nossa memória e inteligência e que utilizamos quando necessários na leitura. Assim, o despertar desse repertório ocorrerá numa caminhada de estímulos que levem ao interesse pelo texto escrito.

Muitas atitudes que buscam o despertar já referido são tomadas pelo professor no decorrer da caminhada do processo de ensino-aprendizagem da leitura, vivenciado pelos educandos. Algumas são acertadas, outras, nem tanto. No ensino médio, em particular, focalizam-se as obras mais importantes da literatura brasileira, das quais, as mais exigidas são aquelas cobradas no “próximo vestibular”. Como são muitas, se comparadas à frequência com que o aluno lê, elas acabam sendo pouco ou mal trabalhadas para dar-se conta do planejamento anual. No final de cada período, resta ao professor a insatisfação de não ter desenvolvido um estudo literário efetivo. Não ocorre, assim, o encantamento pela literatura como arte que explora o potencial representativo dos signos lingüísticos e a aprendizagem que ele esperava ao planejar a leitura das obras; ocorre apenas com raras exceções. Falta, no decorrer do trabalho com o texto literário, o pacto de leitura que, de acordo com Geraldi (1997, apud Ramos 2007), o leitor estabelece com o material a ser lido. O conceito de texto, tradicionalmente, passa pela noção de seqüência verbal, refere-se ao material escrito de modo coerente, dado ao público, e que se constrói se houver uma relação de interesses entre quem constrói e quem lê, interpreta, reconstrói.

Pelo texto literário é possível, muitas vezes, apreender-se muito mais sobre a História de um povo, pelas diferentes perspectivas com que esta pode enfocar os eventos do passado, do que em muitos textos oficiais, contidos em livros da disciplina específica.

Sob esse aspecto, salienta-se o papel do leitor na consumação do ato de produção literária, pois não há motivo mais relevante para a produção literária que o destinatário do texto, o leitor. De acordo com Todorov (1976), nenhum autor escreve para ninguém. Essa visão está muito presente nos textos sobre a Estética da Recepção, a qual considera o leitor peça fundamental no jogo do discurso literário. Jauss (1979, p.69) afirma que “[...] a experiência relacionada com a arte não pode ser privilégio dos especialistas e que a reflexão sobre as condições desta experiência tampouco há de ser tema exclusivo da hermenêutica filosófica”.

Com base nos estudos desenvolvidos durante o primeiro período do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná), organizou-se um trabalho que privilegiasse a interlocução entre Literatura e História, com ênfase no discurso de uma e outra área, visto que, segundo a Nova História, os limites entre a ficção e a história são permeáveis. Além de incluir o Plano de Trabalho, contendo toda a fundamentação teórica, no Grupo de Trabalho em Rede (GTR), para discussão com os professores participantes, os estudos serviram de base para a produção de material didático, o Folhas “Literatura e História se completam”, com o intuito de trabalhar com as narrativas de romances históricos, uma escritura híbrida que, nesse caso, contempla a ficção e a História Oficial sobre os eventos históricos relacionados com a “Guerra do Paraguai”.

### 3. O romance histórico como incentivo à leitura

Mata Induráin (1995) afirma que o romance histórico é um subgênero genuinamente romântico, a tal ponto de se poder afirmar que a imaginação romântica transformou os ficcionistas em historiadores, e aos historiadores em ficcionistas. Segundo o autor, as idéias românticas exerceram grande influência na historiografia da primeira metade do século XIX, e inclusive se imaginava que se poderia aprender a História da Inglaterra por meio dos romances de Walter Scott.

Fleck (2007) assevera a importância do romance histórico:

Uma das mais significativas contribuições do Movimento Romântico do século XIX para a literatura foi, sem dúvida, o surgimento do romance histórico. Um modelo de narrativa que conjuga elementos ficcionais com eventos históricos, explorado de forma nova e consciente por Walter Scott, em sua obra *Ivanhoé* (1819), possibilitou, inclusive, renovar o próprio romance. Isso contribuiu para que tal forma narrativa pudesse manter-se, até a contemporaneidade, como um dos gêneros mais apreciados pelo público mundial. (FLECK, 2007a, p. 150).

Para conceituar o romance histórico, Amado Alonso (1984) afirma:

[...] la novela histórica no es sin más la que narra o describe hechos y cosas ocurridos o existentes. Ni siquiera – como se suele aceptar convencionalmente – la que narra cosas referentes a la vida de un pueblo, sino específicamente aquella que se propone construir un modo de vida pretérito y ofrecerlo como pretérito, en su lejanía, con sus especiales sentimientos que despierta en nosotros la monumentalidad (ALONSO, 1984, p.80)

Alonso considera como romance histórico as narrativas cuja ação corresponda, predominantemente, a um passado não experimentado de modo direto pelo escritor.

Quanto ao novo romance histórico, Menton (1993) apud Celmer (2007), indica seis traços distintivos que o constituem: predomínio da apresentação de algumas idéias filosóficas – a impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou a realidade; o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, sua imprevisibilidade, isto é, os fatos mais inesperados podem acontecer; a consciente distorção da história mediante omissões, exageros ou anacronismos; a ficcionalização de personalidades históricas e não de anônimos; metaficção ou comentários do narrador sobre o processo de criação; a intertextualidade; os conceitos bakhtinianos de dialogismo, carnavalização, paródia e eteroglosia.

Weinhardt (1998) cita o conceito de metaficção historiográfica, criado por Linda Hutcheon, para os romances que contemplem os traços citados.

Com vistas a conhecer os discursos que permeiam tanto o romance histórico tradicional quanto o novo romance histórico, é que se elaborou o Folhas “Literatura e História se completam”. Esse material foi reproduzido e trabalhado com uma turma de segundo ano do Ensino Médio, visto que a cronologia com que se estuda a Literatura nesse período contempla o romance histórico “A Retirada da Laguna” do Visconde de

Taunay, ponto inicial para se trabalharem as seguintes obras com a mesma temática: *Adeus, amigo brasileiro* (1999), de André Toral (histórias em quadrinhos), *Ana Néri, a brasileira que venceu a guerra* (2002), adaptação do romance homônimo de José Louzeiro para o Programa Brava Gente da Rede Globo, *Avante, soldados, para trás* (1991), de Deonísio da Silva, *Genocídio americano – A Guerra do Paraguai* (1984), de Júlio José Chiavenatto, *Netto perde sua alma* (1997), de Tabajara Ruas, do qual também foi passado o filme, *A Guerra do Brasil*, documentário de Sylvio Back, produzido no ano de 2002, *O chasque do imperador* (2002) e *Contrabandista* (1996), contos de Simões Lopes Neto, *Questão de Honra – romance intertextual com a Retirada da Laguna do Visconde de Taunay* (1996), de Domingos Pellegrini, e *Um farol no pampa* (2004), de Letícia Wierchicowski.

O material didático contempla a contextualização do momento histórico atual – a relação do Brasil com o Paraguai – compras, relação das moedas, narcotráfico, violência, os brasiguaios; e um encaminhamento de análise de um fato determinante para o contexto atual, a guerra em questão, por meio das leituras das obras literárias, dos filmes e documentários já citados.

Após a leitura e análise das obras e resolução do Folhas, cada grupo de alunos produziu uma proposta de apresentação das obras, o que resultou no documentário “Literatura e História se completam”, no qual apresentam-se entrevistas, depoimentos de professores, alunos e funcionários do colégio em que se aplicou o projeto, falas de membros da comunidade, adaptações dos romances em dramatizações.

As atividades foram desenvolvidas com ênfase na leitura, na discussão e análise dos textos, visto que o prazer da leitura de um bom texto e o estudo sobre a vida de seu autor e das características de sua obra não devem constituir os únicos pontos de abordagem no ensino de literatura. Ultrapassar esse limite constitui-se num trabalho que privilegia a formação global do leitor, no qual se trabalham as intertextualidades, as paródias, as analogias, as remissões diretas e indiretas, as temáticas abordadas, entre tantas outras áreas de vínculo da literatura com outras áreas do conhecimento.

Tratar o texto literário como fonte de conhecimento sobre a língua (qualidade da redação, níveis e substratos de linguagem), como meio de registrar experiências do passado sob múltiplos pontos de vista – criando-se assim relações com a História – e como forma de revelar a visão de mundo do próprio autor, sua vivência, sua

subjetividade, são alguns dos pontos de partida para a assimilação muito mais eficaz do conteúdo literário.

Para Barthes (1976), a obra só se completa quando em contato com o leitor, e é nesse ponto que se tem o prazer do texto. Zilbermann (2004) afirma que o texto literário possui uma estrutura de apelo, que se completará com a leitura, pois, segundo a autora, a obra literária só pode ser compreendida como modalidade de educação.

É inegável que a leitura efetiva de um bom romance contribui para o desenvolvimento intelectual e a sensibilidade do ser humano. Não é possível para o homem viver todas as experiências do mundo, no entanto, tal possibilidade lhe é oferecida pela literatura: as experiências que lhe trazem os personagens constituem, por meio do prazer estético, as experiências que lhe são negadas na realidade.

Lima (1979, p. 22) afirma que “[...] na experiência estética, o sujeito tem a possibilidade de se afastar de si, de seus hábitos e valores cotidianos, para se experimentar na alteridade da obra. É inegável, pois, o ganho da interpretação.”

É relevante a colocação, pois, sob esse ponto de vista, se reconhece um processo no qual o sujeito pode experimentar, por meio da literatura, várias situações, vividas pelos mais variados personagens, com os quais, de certa forma, se identifica. A literatura, por meio do prazer estético, leva o sujeito a se refinar, a reconhecer-se mais humano e, assim, mais sensível. Nesse sentido, acrescenta a colocação de Vargas Llosa (2002):

*Los hombres no están contentos con su suerte y casi todos – ricos o pobres, geniales y mediocres, célebres u oscuros - quisieran una vida distinta de la que viven. Para aplacar – tramposamente – ese apetito nacieron las ficciones. Ellas se escriben y se leen para que los seres humanos tengan las vidas que no se resignan a no tener. En el embrión de toda novela bulle una inconformidad, late un deseo insatisfecho. (VARGAS LLOSA, 2002, p. 16).*

A colocação de Vargas Llosa (2002) reafirma o caráter de necessidade que o ser humano possui de viver a experiência estética, tanto do lado da produção, autor, quanto da recepção, leitor.

Iser (1979) afirma que o texto literário se diferencia das experiências reais de quem o lê quando oferece sintonias e perspectivas nas quais se mostra outro o mundo já conhecido pela experiência. Afirma também que entre o texto literário e o

leitor existem vazios, os quais serão preenchidos pelo segundo, e só serão efetivos quando não se tratarem de projeções independentes do texto, conduzidas pelas expectativas e visões estereotipadas do leitor, como ocorre também com o texto pragmático, no entanto, neste, segundo Iser (1979), as expectativas do leitor podem ser consideradas homogêneas quanto à intenção do autor: “é sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia.” (ISER,1979, p. 105)

O mesmo autor afirma que os ficcionistas jogam com os leitores e o texto constitui o campo de jogo. Afirma que o texto, embora seja resultado de um ato intencional, visa a algo que ainda não é acessível à consciência. Desse modo, o texto compreende um universo que ainda virá a ser identificado, e que leva o leitor a imaginá-lo e interpretá-lo, pois “[...] não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem - e, daí, modificam - o mundo referencial contido no texto”, (ISER, 1979, p. 107), já que no texto ficcional não se busca uma verdade ou uma realidade concreta, pois a essência do texto literário reside na representação da realidade, num discurso que se apóia, antes do que na “verdade”, na verossimilhança. Esse aspecto pode ser visto como um dos muitos que aproximam, na contemporaneidade, o discurso histórico e o ficcional.

Tal fato possibilita que ambas as leituras, a de caráter histórico e científico, bem como a de caráter ficcional e artístico, possam ser vistas na contemporaneidade, segundo Leenhardt e Pesavento (1998), como interpretações de um mesmo passado. Um ponto de vista que é também compartilhado por Linda Hutcheon (1991), que destaca o papel fundamental da verossimilhança para ambas as áreas, já que

[...] as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos lingüísticos, altamente convencionalizados em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estruturas e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. Mas esses também são os ensinamentos implícitos da metaficção historiográfica. (HUTCHEON, 1991, p. 141).

Sabemos que já houve um tempo em que a convivência entre ambas as leituras foi harmoniosa e que todo o processo de rompimento passa,

necessariamente, por esse período de acentuação das diferenças em busca de uma identidade própria, capaz de se impor revelando seus traços mais autênticos e singulares. Por outro lado, a esta fase de estabelecimento claro de limites seguiu-se outra, na qual se evidenciam também as aproximações e as semelhanças. Ao romancista cabia então, e ainda cabe, outra tarefa: explorar ao máximo o poder evocatório das imagens e as sugestões das metáforas para que a literatura siga cumprindo seu papel recreativo, catártico e artístico no qual se toleram contradições, polivalências, ambigüidades, tensões, num discurso plurissignificativo em oposição ao discurso assertivo dos historiadores radicalmente positivistas. Tal procedimento é possível porque as “verdades” deste passado evocado podem ser diferentes para cada um dos saberes que o busca resgatar. Levar esta experiência para a sala de aula do ensino média é possibilitar o desenvolvimento crítico dos educandos para que estes possam, também, imaginar outras possibilidades de leituras para os eventos do passado que sempre foram “ensinados” sob o olhar da História e, na maioria das vezes, num discurso que prima pela “veracidade” dos fatos narrados.

Nesse sentido, Zilbermann (2004) afirma que o receptor, leitor, é quem transforma a obra em objeto estético, ao decodificar os significados transmitidos por ela. Alexius et al (2000, p. 161) acrescenta a essa relação o fator das experiências individuais, as quais, despertadas no ato da leitura do texto literário levam o leitor a “[...] reinterpretar a obra e colocar-se, dessa forma, na condição de co-autor da mesma, experiência que sinaliza para o desenvolvimento prazeroso da leitura e produção escrita”.

Sobre a recepção textual, Stierle (1979) distingue duas formas: a pragmática e a ficcional. O texto pragmático se caracteriza por apresentar um estado de fato, uma interpretação que oferece um modo de orientação quanto a uma situação dada. São textos programados para que o usuário possa recebê-los de acordo com um esquema de ação prévio e partilhado – o produtor e o receptor são conhecedores do saber social armazenado como esquema de ação e prevêem seus respectivos papéis: “O produtor sabe o que dele espera o receptor e este, o que aquele lhe deve oferecer.” (LIMA, 1978, P. 59). Quanto ao texto ficcional, o autor coloca que se trata efetivamente de texto de ficção quando se possa contar com a possibilidade de um desvio do dado, não sujeito a correção, somente criticável ou interpretável. Diferente do texto pragmático, o texto ficcional, segundo Stierle, não tem caráter de compromisso entre o estado de fato e a materialidade dos fatos. O

autor coloca ainda uma categoria de recepção que se situa entre a pragmática e a ficcional - a quase pragmática: o texto ficcional ultrapassa uma direção a uma ilusão extra-textual, despertada no leitor pelo texto, cujo exemplo é a literatura de consumo. A respeito da literatura de consumo, Jauss (1979, p. 74) afirma que ela “[...] não é determinável sem referência à função estética e social da literatura “elevada””. O mesmo autor elabora sua teoria acerca da estética da recepção contrariando a *Asthetische Theorie* de Adorno (1970), afirmando que na mesma

[...] as funções da experiência estética entre os pólos históricos da apropriação cultural e do museu imaginário caem numa dialética formada entre afirmação e negatividade: em vista de uma práxis funesta, que ameaça reduzir toda experiência estética ao círculo da satisfação das necessidades manipuladas, ao comportamento consumista. (JAUSS, 1979, p. 79)

Pela afirmação, pode-se perceber que o comportamento consumista é o exemplo exatamente contrário ao prazer estético, ao prazer que eleva a sensibilidade e o conhecimento.

De acordo com Jauss (1979), a leitura de textos literários constitui uma experiência estética. Segundo ele, Platão primava pela verdade, o fato que pode ser comprovado, e negava o caráter estético da arte, o que, segundo Jauss, continua na contemporaneidade:

O legado platônico, muitas vezes não admitido, mostra-se ainda em curso na filosofia contemporânea da arte sempre que se concede à verdade, manifestada pela arte, a primazia sobre a experiência da arte, na qual se exterioriza a atividade estética como obra dos homens. (JAUSS, 1979, p. 67).

Ao contrário, o autor afirma que “[...] a arte se manifesta como atividade produtora, receptiva e comunicativa”. (JAUSS, 1979, p. 67). Cita o mesmo autor duas maneiras de encarar a leitura de uma obra literária. Uma que percebe o texto como algo a ser simplesmente interpretado, não para o leitor; outra que considera o leitor, para o qual o texto apresenta significado e efeito. A primeira, para Jauss (1979), trata-se de mero engano, pois se a obra de arte destina-se à simples interpretação, como é que durante as gerações de leitores, a interpretação se modifica? Modifica-se porque, segundo ele, a experiência estética não se distingue apenas do lado de sua produtividade, autor, mas também do lado de sua receptividade, o leitor. E acrescenta

que a hermenêutica literária tem o dever de interpretar a tensão entre texto e atualidade, num processo em que “[...] o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai-e-vem de pergunta e resposta, entre pessoa original, pergunta atual e nova solução, concretizando-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico.” (JAUSS, 1979, p. 79).

Para Jauss (1979), a tradição estética encerra os conceitos já denominados por Aristóteles: *Poiesis*, *Aithesis* e *Katharsis*, o que significa o prazer ante a obra realizada, o prazer do conhecimento perceptivo diante do imitado, e o prazer despertado pelo discurso que leva à liberação da psique e da catarse. Nesse processo de caráter estético/recepcional, reúnem-se, no prazer estético, um efeito sensível e um de ordem intelectual.

Mas a experiência estética não se esgota em um ser cognoscitivo (*aithesis*) e em um reconhecimento perceptivo (*anamnesis*): o espectador pode ser afetado pelo que representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*katharsis*). (JAUSS, 1979, p. 87)

O prazer estético, segundo Jauss (1979), diferencia-se dos prazeres simples, entrega sensitiva e imediata do eu a um objeto, pois exige algo a mais, uma tomada de posição, que exclui o objeto, convertendo-o em objeto estético:

O romance histórico, sob esses aspectos, oferece uma possibilidade de múltiplas leituras e análises, principalmente se forem encaminhadas leituras sobre o mesmo fato histórico, produzidas por autores de várias gerações e que contemplem, assim, as diferentes modalidades que a escrita híbrida de história e ficção tem desenvolvido ao longo dos anos. A experiência com romances históricos sobre a Guerra do Paraguai, efetivada no Ensino Médio, sinalizou para um melhor aproveitamento das leituras propostas, visto que abre para a discussão sobre a importância da literatura na reconstrução do passado histórico.

O subgênero em questão constitui alternativa de trabalhar as vozes narrativas no texto literário, em contraponto ao discurso histórico oficial e também como complemento a este. Contraponto porque, como a História é feita por homens, e, portanto, não se despe do caráter subjetivo, oferece o romance uma versão da História. Como complemento, atua na construção de um ponto de vista mais amplo sobre a realidade dos fatos, e das histórias possíveis dentro da História. Como à

Historiografia cabe registrar fatos, datas, números e nomes mais relevantes do fato histórico, à Literatura, por meio do romance histórico, é dada a possibilidade de explorar as histórias possíveis dentro do contexto oficial.

Segundo Miranda (2000), o historiador, quando relata os fatos que ocorreram, escolhe um ponto de vista, e isto já caracteriza certa subjetividade. O trabalho do mesmo é organizar os dados, dando-lhes uma lógica, uma seqüência, pois os relatos históricos não são um emaranhado de dados desconexos. Assim, “não bastam o arquivo e a memória: são necessárias ainda a construção, a elaboração e a interpretação”. (MIRANDA. 2000, p. 19). Cabe ao historiador utilizar-se de sua competência discursiva para tornar o texto histórico lógico e acessível, ou seja, utilizar-se da narratividade. Ao escritor de romances históricos é dada liberdade de, a partir de um acontecimento histórico, criar um enredo verossímil, com linguagem literária. A discussão das relações entre literatura e história, feitas pelo autor, podem ser vistas no trecho a seguir:

Tudo o que lhe constrange, ao romance, vem de dentro. Ele não se sujeita às restrições que os documentos, monumentos, signos e sinais do passado impõem ao historiador. Ele é, até certo ponto, livre. Mas como assim? Por que até certo ponto? Porque o romance, também ele, está sujeito às leis da forma; também ele tem de ser verossímil; também ele tem de nos convencer – ou não será lido, não interessará a ninguém. É principalmente nesse ponto que romance e história, pelo menos uma certa história, se encontram. (MIRANDA, 2000, p. 24)

Santos (1996) afirma que há uma interlocução entre história e ficção, e que “[...] tanto a escrita da História apresenta aspectos performáticos, quanto a obra ficcional explicita um certo caráter documental”, pois “[...] a verdade não é única e o sujeito está sempre submetido pela linguagem, qualquer que seja o discurso que essa mesma linguagem venha a articular”. (SOUZA, 2000, p. 28). Ainda segundo o mesmo autor, é praxe considerar os textos da História com um grau mais elevado e mais intenso de veracidade devido ao fato de que seu narrador funciona como um repórter dos fatos, ao passo que o narrador do romance está sujeito ao leitor e ao grau de envolvimento de suas vontades. A estas reflexões acrescenta que “[...] a narrativa literária, às vezes, parece explicitar um desejo de dar uma palavra final (ainda que ficcional) sobre determinada ‘verdade’”. (SOUZA. 2000, p. 39).

Sobre a História e o romance, Miranda (2000) afirma que o objeto da primeira é o passado, ao passo que o do segundo é a imaginação do homem; mas não existe

entre ambas uma fronteira muito bem definida. Literatura e História compartilhavam o mesmo espaço no propósito de tornar o passado inteligível no presente até meados do século XIX, quando as duas ciências passaram a constituir campos diferentes do saber, passando a História a ter caráter científico, com base no positivismo. Segundo o historiador positivista Leopold Ranke (1795 – 1886), [...] a História deve contar o que realmente aconteceu”. (BURKE, 1992, p.11). No entanto, na contemporaneidade, consoante Burke (1992), há uma nova perspectiva que valoriza o relativismo cultural, segundo a qual a realidade é social ou culturalmente constituída. As fronteiras entre um e outro campo nunca foram rígidas, e o romance histórico, escritura híbrida em que se congregam a ficção e a história, é exemplo disso.

Atualmente a história é avaliada não somente como um tipo de discurso que apresenta características particulares, mas, fundamentalmente, como uma forma de inteligibilidade, como uma estrutura sem a qual não seria possível apreender o caráter temporal da existência humana, nem compreender a ação dos indivíduos, configurados também sob formas narrativas. Estabelecem-se, pois, pontos de aproximação entre história e literatura que se podem comprovar nas palavras da teórica espanhola Fernández Prieto (2003, p. 148):

*[...] el hecho de que la historia se configure en estructuras narrativas implica que los hechos realmente sucedidos han sido seleccionados por el historiador e inscritos en una trama que los ordena, los jerarquiza y les confiere un sentido (ideológico, político, moral). La narración no copia la realidad, sino que la vuelve inteligible. De este modo la narración histórica y la narración ficcional obedecen a los mismos mecanismos estructurales y sólo se diferencian pragmáticamente. En los dos casos estamos ante construcciones de realidad, elaboraciones discursivas, cuya definición no se plantea ya en el nivel ontológico sino pragmático, es decir, en los territorios de los pactos y de las funciones atribuidas culturalmente a los discursos.*

A história, neste sentido e conforme o que registra Peter Burke (1991, p. 287-293), advoga, pelos princípios da nova história, por uma conciliação entre os dois métodos – o narrativo e o estrutural – em razão da dificuldade de se estabelecer uma distinção clara entre acontecimentos e estruturas.

A leitura de romances históricos, ênfase ao público leitor adolescente, oferece uma perspectiva de preenchimento de vazios, tratados por Iser (1979), pois credita ao subgênero um grau de verossimilhança maior que os romances convencionais. Constantemente o leitor é levado ao questionamento sobre os fatos e personagens

arrolados no enredo: Existiram? Viveram tais experiências? E, na busca de respostas, parte para a pesquisa e para a leitura de outros romances que tratem do mesmo tema, num processo de Leituras Cruzadas, aperfeiçoando-se como leitor e consumando as análises essenciais para a compreensão da importância do universo literário. Para Jauss (1979, p.79), [...] o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai-e-vem de pergunta e resposta, entre pergunta original, pergunta atual e nova solução, conscretizando-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico.”

O mesmo autor afirma que se pode fazer transparente a construção de um mundo histórico por meio de um sistema de comunicação literária, já que a obra não se apresenta absoluta em um espaço vazio, mas por meio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas. Aponta, mais uma vez para a importância de um leitor efetivo:

Ora, se os textos não recebem sua realidade de antemão, mas a alcançam por uma espécie de reação química processada entre o texto e seu leitor, tal reação já aponta para o papel do leitor; do leitor enquanto habitado por orientações e valores que ele próprio não domina conscientemente. Noutras palavras, é o efeito (produto das orientações e valores) atualizado no leitor que lhe serve de filtro para emprestar sentido à indeterminação contida na estrutura do texto. Daí resulta a primeira propriedade do texto literário. (JAUSS, 1979, p. 24)

Nesse contexto, a realidade que serviu de base para a composição da narrativa ficcional pode ser buscada pelo leitor em outras leituras, num processo de contínua busca. Tal reconstrução do discurso histórico pelo discurso ficcional leva o leitor a perceber que ambos são permeáveis, e que oferecem uma possível verdade. Entre os muitos princípios da nova história destaca-se, pela sua importante relação com o romance histórico, o fato de que a nova história busca, segundo Le Goff (1978, p. 262) “estar atenta às relações do presente e passado, isto é, compreender o presente pelo passado, mas também, compreender o passado pelo presente”, bem como a busca de aproximação da nova história com outras áreas, desejo expresso nas palavras do medievalista ao mencionar a importância que adquire, para o historiador, o “olhar lançado sobre o vizinho, na esperança de levar a dialogar os ‘irmãos que se ignoram’.” Le Goff (1978, p. 263) destaca áreas como a lingüística, a

psicologia, a literatura, a filosofia, a arte, as ciências, como áreas essenciais neste “diálogo” que a nova história propõe.

Assim, a nova história abarca uma nova visão, mais analítica, visto que o discurso histórico também pode ser subjetivo; também ele conta com depoimentos, fatos que devem ser costurados pelo discurso para se ter uma lógica. Nesse sentido, com ênfase ao caráter discursivo, Literatura e História se aproximam.

Sobre a proximidade entre ficção e história, Vargas Llosa (2002, p. 16) afirma: *“En efecto las novelas mienten – no pueden hacer otra cosa – pero ésa es solo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo, expresan una curiosa verdad, que solo puede expresarse encubierta, disfrazada de lo que no es”*. Isso garante a essência do trabalho do romancista que não precisa e nem quer competir com a história na construção de uma verdade única. Fato que, na contemporaneidade, é altamente questionável, sendo este um discurso típico da antiga história positivista e tradicional para a qual a verdade tinha que ser única, não podendo, pois, ser múltipla de acordo com a visão de quem a analisa.

Ao se observarem as especificidades presentes nas inter-relações dos discursos histórico e ficcional, percebe-se o quanto estas relações são importantes para os estudos literários. As fronteiras permeáveis dos discursos histórico e ficcional possibilitam incursões de uma com a outra, fato que pode ser de grande valia para a construção de uma consciência mais crítica a partir do trabalho de análise de textos literários na escola. O romance histórico é um dos campos em que, com maior frequência, estes discursos se inter-relacionam, portanto, cabe analisar, de forma mais profunda este gênero romanesco.

Marisa Lajolo (2004), que volta seus estudos para o romance brasileiro, sobre a questão do romance histórico tece a seguinte consideração:

Talvez um dos segredos do sucesso dos romances que se inspiram na história seja que eles dão dimensão cotidiana a personagens heróicas. Os grandes vultos nacionais – para além da aura de heroísmo que os distingue – geralmente têm um perfil magro e seco esculpido por sisudos livros escolares. Nomes de ruas e estátuas de praças públicas, quando emigram para enredos de romances, retocam este perfil descarnado, permitindo ao leitor momentos de aproximação com heróis e figuras célebres. (LAJOLO, 2004, p. 116)

Como se observa na colocação de Lajolo (2004), o romance histórico possui a particularidade de desmitificar personagens da história que sempre foram

colocados, pelo discurso oficial, como detentores de uma aura inumana. Por meio da leitura do romance histórico, em particular do novo romance histórico, o leitor percebe que as personagens da história também tiveram dúvidas, medos, paixões proibidas, inveja, ambições, e todos os demais sentimentos inerentes ao ser humano. Assim, a figura do herói, embora não lhe sejam negados seus feitos heróicos, é colocada com a perspectiva de humanidade – nem tanto o bem ou o mal, o certo ou o errado, a verdade ou a mentira.

Sobre o fato de o romance tradicional reconstruir, pela ficção, um período histórico, Lukács (1977) coloca que não se trata de reviver pura e simplesmente o passado pelo único fato de revivê-lo, mas sim no sentido de recriar o comportamento dos seres humanos que atuaram nos fatos que configuram este passado. Tudo isto, ainda, sem perder de vista o contínuo da história e, portanto, a possível relação que esses comportamentos tenham com o presente. A ênfase dada nos romances tradicionais aos personagens fictícios, que por regra geral têm uma significação menor que os fatos e personagens realmente históricos, e o fato destes personagens agirem não de forma excepcional, como agiria o herói clássico, dão uma visão mais verdadeira, e oportuna, deste passado.

No trabalho com as obras sobre o fato histórico da Guerra do Paraguai, analisaram-se as histórias dentro da história, o lado humano dos heróis e dos anônimos. Nessa perspectiva, os romances produzidos a partir dos fatos que constituíram o evento histórico podem ter o intuito de, talvez, entendê-los ou justificá-los, e não de recriá-los ou revivê-los em sua totalidade, porque isto é impossível, o que nos conduz à noção de que, segundo Menton (1993), a verdade histórica não pode ser conhecida.

A historicidade do discurso ficcional pode ser, segundo Aínsa (1991, p. 84), “[...] *textual y sus referentes documentarse con minucia o, por el contrario, la textualidad revestirse de las modalidades expresivas del historicismo a partir de una ‘pura invención’ mimética de crónicas y relaciones.*” Neste sentido, a linguagem, constitui “[...] *la herramienta fundamental de la nueva novela histórica y acompaña la preocupada y desacralizadora relectura del pasado.*” (Aínsa, 1991, p. 85).

Se a linguagem é a ferramenta que dessacraliza a releitura do passado, é importante que seja oferecida aos educandos a oportunidade de conhecer os discursos literários. Assim, as releituras do passado histórico, por meio da Literatura, constituíram, no projeto que foi desenvolvido, uma oportunidade de discutir a

importância que a Literatura ocupa no universo do conhecimento. Ela é, além de estimuladora para a apreensão da linguagem formal, fonte de conhecimento sobre as histórias que nos antecederam. Compreender, por meio do prazer estético oferecido pela Literatura, as histórias que nos antecederam e determinaram o que somos e como pensamos, é uma tarefa que não se abre em qualquer universo de trabalho.

Assim, é importante destacar que

A literatura é arte e arte é recriação, expressão da realidade. Criar é estar com todos os sentidos concentrados, com o inconsciente emergindo livremente. Em se tratando de leitura, é ir além dos códigos comuns, já gastos, para provocar o surgimento de uma leitura simbólica, tensa, intensa e emotiva, em que o leitor participa e tem espaço para criar e recriar, compartilhando com o autor, dele aprendendo e com ele estabelecendo um pacto, um constante diálogo, do qual há de resultar uma nova visão, um enriquecimento cultural e pessoal. Possibilitar a leitura da literatura em todos os seus níveis é, portanto, despertar no indivíduo as suas potencialidades criadoras; é dar-lhe espaço para agir no texto e no contexto, em que o conhecimento prévio do leitor constitui-se, a priori, base fundamental para a efetivação do ato de ler criticamente. (FLECK, 2007b, p. 23).

A escola, nesse aspecto, é um dos poucos espaços de trabalho em que é permitido trabalhar com os múltiplos discursos, analisá-los e compreendê-los, numa dinâmica em que sempre se buscam mais leituras.

## PALAVRAS FINAIS

As leituras dos romances históricos sobre a Guerra do Paraguai possibilitaram a compreensão de que os discursos da História e da Literatura se completam. Foi possível perceber que o discurso ficcional desmistifica muitos personagens, devolvendo-lhes a humanidade. O trabalho foi efetivo porque mobilizou o leitor, peça-chave do discurso literário, a ler, interpretar e elaborar, por meio das interpretações, suas próprias produções, que resultaram na construção do documentário “Literatura e História se completam”.

## REFERÊNCIAS:

- AÍNSA, Fernando. *La nueva novela histórica latinoamericana*. Plural, México, v. 240, p. 82-85, 1991.
- ALEXIUS, Lourdes Vivian et al. *O conto e o texto dramático na formação do leitor*. In: Revista Línguas e Letras/Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Cascavel. Centro de Educação, Comunicação e Artes. v.1, n. 1 p 159-169, (2000), Cascavel: Edunioeste, 2000.
- ALONSO, Amado. *La nueva novela histórica latinoamericana*. México: Plural, 1991.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria E .G. G. Pereira, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
- BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Formas de hacer historia*. Madrid: Alianza, 1991.
- CELMER, Nilza Girotti. *Cães da Província: metaficção historiográfica?* Disponível em <http://www.baal.com.br> Acesso em 19 de julho de 2007.
- Diretrizes Curriculares para a Educação Pública do Estado do Paraná, 2006. Disponível em [www.diaadiaeducacao.pr.gov](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov), acesso em 06 de junho de 2007.
- CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. 23. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- FLECK, G. F. *A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América*. *Gragoatá*, Niterói, n. 23, p. 149-167, jul./dez. 2007a.)
- \_\_\_\_\_. *O papel da literatura infantil e infanto-juvenil na formação do Leitor*. In: *Revista Língua e Literatura*. URI/Frederico Westhalen. v. 10. n. 14, jul. 2007b, . 13-27.
- ISER, Wolfgang et al. *A interação do texto com o leitor*. In: *A literatura e o leitor – textos da estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert et al. *A estética da recepção – considerações gerais*. In: *A literatura e o leitor – textos da estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-Modernismo*. Trad. Ricardo Cruz; Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor*. São Paulo: Pontes, 2000.
- LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LE GOFF, J., CHARTIER, R. & REVEL, J. (Dir.). *A nova história*. Trad. Maria Helena Arinto e Rosa Esteves. Coimbra: Almedina, 1978.

LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Ed. da unicamp, 1998.

LIMA, Luiz Costa. O leitor demanda d(a) literatura, e Prefácio à 2 ed. In: *A literatura e o leitor – textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LOUZEIRO, José. *Ana Néri, a enfermeira que venceu a guerra*. São Paulo: Mondrian, 2002.

LUKÁCS, G. *La novela histórica*. Trad. Jasmin Reuter. 3 ed. México: Era, 1977.

MATA INDURÁIN, Carlos. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In SPANG, Kurt et al. *La novela histórica – teoría y comentarios*. Espanha, Ediciones Universidad de Navarra, S/A (EUNSA), 1995.

\_\_\_\_\_. *Teorias do romance*. Trad. Jasmin Reuter. Lisboa, Editorial, 1970.

MIRANDA, José Américo. Romance e história. In: BOËCHAT, Maria Cecília Brüzzi et al (orgs). *Romance histórico: recorrências e transformações*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2000.

PELLEGRINI, Domingos. *Questão de honra – romance intertextual com A retirada da Laguna do Visconde de Taunay*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

RUAS, Tabajara. *Netto perde sua alma*. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SANTOS, Pedro Brum. *Teorias do romance: relações entre ficção e história*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1996.

SILVA, Deonísio. *Avante soldados para trás*. 3 ed. São Paulo: Editora Siciliano, 1991.

STIERLE, Karlheinz et al. Que significa a recepção de textos ficcionais. In: *A literatura e o leitor – textos da estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

TAUNAY, Alfredo D'Escaragnole. *A retirada da laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ediouro, 2003.

TORAL, André. *Adeus, amigo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da Narrativa Literária. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

VARGAS LLOSA, Mario. *La verdad de las mentiras*. Buenos Aires, Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, S/A, 2002.

WEINHARDT, Marilene. *Ficção Histórica e Regionalismo: estudos sobre romances do Sul*. Curitiba, Editora da UFPR, 2004.

WIERZCHOWSKI, Letícia. *Farol do pampa: A casa das sete mulheres – livro 2*. Rio de Janeiro: Record, 2004..

ZILBERMANN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2004.